

Puxando o fio da meada

Salvador Muñoz Viñas. *Teoría contemporánea de la restauración*.
Madri: Editorial Síntesis, 2003. 205 p.

Ozana Hannesch

Especialista em conservação de bens culturais móveis. Professora do Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia do MAST.

Salvador Muñoz Viñas é professor titular e, atualmente, diretor do Departamento de Conservação e Restauração de Bens Culturais da Universidade Politécnica de Valência, Espanha, tendo se tornado recentemente o primeiro espanhol com o título de Fellow (membro de um grupo de elite) do International Institute for Conservation of Historic and Artistic Works (IIC). Muñoz graduou-se em belas artes e história da arte e inicialmente trabalhou como conservador na Biblioteca Histórica da Universidade de Valência. Obteve o título de PhD em 1991, a partir



de estudos realizados no Centro de Conservação e Estudos Técnicos da Universidade de Harvard sobre manuscritos da Renascença italiana, para onde foi depois de ter sido agraciado com o prêmio de pesquisa Luis de Santángel. Em 1999, optou por trabalhar como conservador-restaurador, na especialidade papel. Atualmente dedica-se também à teoria da conservação-restauração.

Teoría contemporánea de la restauración é uma publicação em que o autor analisa e coloca em questão termos, definições

e paradigmas do campo da conservação-restauração de bens culturais. Contudo, não se limita a esta análise: a partir de uma reflexão sobre as práticas modernas desta área, procura fazer uma correlação de ideias, princípios e critérios que possam auxiliar os restauradores contemporâneos na resolução dos conflitos com os quais se deparam quando da intervenção na obra.

Entre os que se preocupam com as ações aplicadas no âmbito do patrimônio cultural, o autor expressa a necessidade da busca por uma teoria contemporânea da restauração que responda aos problemas atuais, a partir de uma perspectiva do nosso tempo, colocando, na introdução da obra, que o reconhecimento da existência desta teoria é “quase uma hipótese de (seu) trabalho”. Entretanto, o texto não pretende apenas afirmar esta existência, mas delinea-la, conferindo-a sentido orgânico, fazendo-a percebida e reconhecida, tendo em vista que a “fragmentação” é uma das principais desvantagens de seu reconhecimento como tal. Assim, o autor estrutura o corpo do livro em três capítulos, além da introdução, conclusão, bibliografia comentada e obras citadas. O prólogo é apresentado por Eugene F. Farrell, cientista sênior de conservação da Universidade de Harvard, que foi seu professor, mestre e, por fim, tornou-se amigo.

No capítulo 1, intitulado: Identidade e fundamentos da restauração, o autor trata das definições e dos conceitos de conservação, de restauração, de conservação preventiva, apontando a redundância

deste último, segundo o que se entende hoje por conservação. Na teia das ideias e das imprecisões no uso desses termos que Muñoz aponta e vai tecendo, interpõem-se argumentos sobre as inconsistências dos limites da prática e da teoria, considerando as funções, as finalidades e os resultados do conservar-restaurar.

Ainda neste capítulo, o autor apresenta o que se considera por objetos de restauração, relacionando os inúmeros conceitos atribuídos a estes no decorrer do tempo e que, de certa maneira, definem e caracterizam a adoção do termo restauração, em distinção aos termos reparo, conserto e recuperação. Por meio de subitens, busca abranger outros conceitos de interesse, como os que envolvem a conservação de informação (um aspecto essencialmente arquivístico) e o estado de risco. Nesse sentido, o capítulo tenta mapear o universo do que e por que se preserva – o objeto da restauração – e também qualificar o uso do termo restauração.

No capítulo 2, intitulado: A crítica dos conceitos clássicos, o autor aborda as questões que envolvem esta crítica, por meio da análise da aplicabilidade dos inúmeros referenciais canônicos na contemporaneidade. Ao apresentar o conceito de autenticidade como um valor ligado à realidade, ao estado original, ou ao estado de verdade, Muñoz expõe o que identifica como as principais categorias do pensamento que resumem a ideia de autenticidade, e a relaciona a outros fatores como os materiais constituintes do objeto, as

características perceptíveis, a intenção e a função. Apresenta, nesse contexto, uma série de exemplos, que tornam fácil a compreensão do que aponta como as complicações advindas do entendimento de autêntico e da fragilidade da aceitação da neutralidade e da objetividade da restauração. Essa mesma ideia pode ser encontrada em outras partes do seu texto. Assim, para o autor, entender a restauração é compreender que a todo o momento somos colocados frente a interpretações e critérios subjetivos (convencionados), e que decisões objetivamente justificáveis não são a verdade objetiva.

Talvez o termo relatividade possa encontrar alguma ressonância em Muñoz, e tenhamos uma falsa ideia de que isto é o que nos reserva o autor. Mas é na reflexão de que o que se olha está no olhar de quem vê, e não no reflexo real do olho, que podemos perceber o “subjetivado” que o autor quer expressar, e termos uma real dimensão da complexidade das escolhas e da intenção dos resultados. Essa, sem dúvida, é uma importante contribuição de Muñoz, e não a única, das que podemos encontrar nesta obra. Ademais disto, as implicações do entendimento das características do que se pretende conservar-restaurar, da clareza de critérios, princípios e prejuízos decorrentes das escolhas são apenas alguns dos temas apresentados ainda no segundo capítulo.

No sentido de retomar a questão da objetividade da restauração, quando tratada pelo aspecto da ciência, o autor nos con-

duz pelos fios da teia, onde o conceito de deterioração, reversibilidade, legibilidade e universalidade são individualmente apresentados e questionados, levando aos argumentos de suas limitações. Ao tratar da aproximação da ciência com a restauração, Muñoz coloca que esta união se produz de diversas formas, distinguindo duas destas relações: a ciência aplicada à restauração e a restauração científica. Ao percorrer o caminho pelos quais essa trajetória se desenvolveu, o autor situa e define uma e outra, fazendo uma forte crítica à denominada restauração científica, tendo em vista sua impropriedade conceitual e sua limitação à questão material. Por outro lado, o autor aponta ainda que a ciência aplicada à restauração, para não ocorrer no mesmo erro, deve entender-se com a tecnologia da restauração, e a pesquisa científica nesta área não deve ser apenas um elemento de legitimação (que os sujeitos/usuários aceitam, agradecem e exigem), nem produzida apenas para utilização imediata.

No capítulo 3, intitulado: A ética da restauração, o autor chama a atenção para as mudanças que a filosofia social está produzindo, social e culturalmente, em relação ao entendimento e à aceitação de nossa diversidade, e de tudo que disto decorre – Ross Atkinson chama a isto de relativismo ético e epistemológico de tolerância humanística dos valores do final do século XX (referência da autora da resenha) –, e que este processo repercute também no campo da restauração, provocando uma tendência de aceitação de que

se tudo é convencionalizado, então tudo é válido ou possível. Ao avançar na leitura deste capítulo, o leitor perceberá que o autor buscar dizer o contrário.

Muñoz, então, retoma a questão do patrimônio tomando por base argumentos apresentados por David Lowenthal (texto resumido na bibliografia comentada), procurando delimitar as formas como esse patrimônio se apresenta, se atualiza e representa. Nesse contexto, o autor afirma, na página 154, que a decisão de restaurar deixa de ser uma decisão da restauração, deslocando-se para um grupo ou coletividade: “se baseia em acordos entre sujeitos”, “para quem cada objeto significa algo”. Isso é o que se espera hoje deste campo.

Assim, seguindo os argumentos do autor, concluímos que a ampliação dos valores, advinda do momento atual, faz com que as teorias clássicas não respondam hoje a todas as questões colocadas frente aos objetos de restauração, e que, para respondê-las, a tendência da teoria contemporânea é valorar o uso e a função, sendo esta sua característica essencial. Nesse aspecto, Muñoz propõe que esta teoria objetiva estabelecer uma relação dialética de negociação com os sujeitos afetados, incluindo o restaurador, e reconhecendo o papel de responsabilidade que este desempenha perante um horizonte de expectativas dos sujeitos. Portanto, afirma o autor, a ética da restauração contemporânea, em oposição à clássica, não está baseada em critérios acadêmicos rígidos,

de validade geral e de universalismo, mas pelo contrário, está antes de tudo na busca pelo consenso e pelo diálogo.

Se a restauração de um objeto implica a realização de eleições por parte dos sujeitos, as teorias clássicas responderam a esta situação com os princípios da mínima intervenção e da reversibilidade. A teoria contemporânea da restauração deve ter como ética responder a uma condição: a possibilidade de adaptação dos objetos a novos gostos e necessidades (não só dos usuários do presente, mas também os do futuro). Para isso, deve recorrer também à sustentabilidade, entendida no texto não só como uma possibilidade econômica de manutenção e continuidade dos procedimentos adotados, mas também como o comprometimento da capacidade de satisfazer as necessidades intangíveis dos usuários futuros.

Assim, os critérios de negociação e sustentabilidade aparecem como novos paradigmas na teoria contemporânea de Muñoz, e confluem, até onde for possível, para uma democracia gerida por representatividade qualificada social e profissionalmente, e para longe do que o autor chama de subjetivismo radical, superando-o.

O texto termina com três páginas de uma breve, mas densa, conclusão. Possui ainda uma bibliografia comentada, com 36 fontes, que será de leitura obrigatória para aqueles que, como diz o autor, desejem conhecer mais profundamente a área. Esses textos estão presentes entre as 168 obras citadas na publicação, uma referên-

Teoría contemporánea de la Restauración

Salvador Muñoz Viñas

{patrimonio
cultural}



cia muito interessante de ser pesquisada por aqueles que ficam com os mesmos incômodos, a partir da leitura de Muñoz.

Teoría contemporánea de la restauración, obra publicada em 2003, ganhou uma versão inglesa em 2004 um pouco diferente da original, por ter sido reestru-

turada e aparentemente ampliada. Junto com a edição de Oxford (Inglaterra), esta obra está sendo considerada, em nível internacional, uma das mais inovadoras sobre conservação e restauração de bens culturais dos últimos tempos. Portanto, não deixem de conferir!

Recebido em 3/11/2010

Aprovado em 7/12/2010